

A LIGA ESPÍRITA DO BRASIL tem 6 escolas gratuitas para crianças, sem distinção de crenças religiosas, cor ou nacionalidade.

Ajudai a obra escolar da Liga Espírita do Brasil, inscrevendo-se como sócio daquela instituição

Cadernos Doutrinários

Centro Espírita “ 18 de Abril”



2

DIVULGAÇÃO DO ESPIRITISMO

RIO DE JANEIRO

-

BRASIL

**“CONHECE-SE O VERDADEIRO ESPÍRITA PELA
SUA TRANSFORMAÇÃO MORAL”**

ALLAN KARDEC

A “Revista Espírita do Brasil” (orgão oficial da Liga Espírita do Distrito Federal) publica mensalmente o resumo dos estudos doutrinários deste Centro.

EFEMÉRIDES ESPIRITAS

3 de outubro – Nascimento de Allan Kardec (1804)

9 de outubro – “Auto de Fé” na Cidade de Barcelona, Espanha, no ano de 1861, onde foram queimados, por ordem do Bispo, o “Livro dos Espíritos” e outras obras espíritas.

31 de março (1848) – Verificam-se em Hydesville, Estados Unidos, com as irmãs Fox, os fenômenos que deram origem ao movimento chamado Espiritualismo moderno, depois denominado Espiritismo por Allan Kardec, em Paris, no dia 31 de março de 1869.

18 de abril – Aniversário d’ O Livro dos Espíritos, 1ª obra da codificação de Allan Kardec(1857).

O CENTRO ESPÍRITA “ 18 DE ABRIL “ funciona provisoriamente a rua Uruguaiana, 141 sobrado, na sede da LIGA ESPÍRITA DO DISTRITO FEDERAL (ex. Liga Espírita do Brasil). Suas sessões se realizam às 4ª s. feiras, às 20,30 hs.

Rio de Janeiro - Brasil

EXPLICAÇÃO

O presente caderno contém o resumo dos estudos doutrinários realizados no centro espírita “18 de Abril”, no período de janeiro a março de 1950, e parte dos estudos de 1949, de acordo com o programa aprovado pela Diretoria. Por motivos especiais, inclusive a reunião, no Rio de Janeiro, do II Congresso Espírita Pan-Americano, os nossos estudos doutrinários tiveram algumas interrupções no último trimestre de 1949, o que, entretanto, não impede a inclusão, neste folheto, de uma parte daqueles estudos.

Tendo publicado o 1º folheto em 1948, pretendia a Diretoria do Centro publicar o 2º logo em 49, mas não o fez porque não lho permitiram as circunstâncias. Diante disto, para não interromper a seqüência dos estudos, cujo desdobramento é acompanhado, fora desta capital, por algumas pessoas interessadas, resolveu a Diretoria incluir no folheto nº 2 pelo menos uma parte dos estudos de 49: **Noções de História da Filosofia**. Assim, pois, este folheto sai com duas seções : parte da matéria estudada em 1949 e o resumo dos estudos de 1950, de janeiro a março.

Nosso esquema de estudos didáticos para 1950 ficou assim dividido:

1º período

PRINCÍPIOS GERAIS DA DOCTRINA ESPÍRITA

JANEIRO a MARÇO

2º período

FENOMENOLOGIA

Fenômenos anímicos e fenômenos espíritas

MAIO a AGOSTO

3º período

NOÇÕES DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES

SETEMBRO

Não estão compreendidos no esquema os meses de ABRIL, OUTUBRO, NOVEMBRO E DEZEMBRO, pelas seguintes razões:

- a- O mês de abril (aniversário do “ LIVRO DOS ESPÍRITOS “ é destinado para estudos especiais daquele livro básico do Espiritismo;
- b- Durante o mês de outubro (mês de Kardec) realizam-se palestras sobre o codificador do Espiritismo e sua obra;
- c- De acordo com o programa anual, deixou-se o mês de novembro para estudos complementares, a critério da Diretoria;
- d- Em obediência a praxe que este Centro adotou, desde o início de seus trabalhos, o mês de dezembro, por ser o mês de Natal e, ainda porque neste mês se encerram as atividades do Centro, é escolhido para dissertações sobre o “ Sermão da Montanha “, como coroamento dos trabalhos do ano.

Nossos estudos obedecem, tanto quanto possível, ao método didático, de acordo com o esquema indicado linhas atrás. Na última 4ª feira de cada mês, o Dr. J.C. Moreira Guimarães, Vice-presidente do Centro, faz uma dissertação evangélica, tomando por tema um capítulo d’ O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec. Eis finalmente em linhas gerais, a súmula das atividades anuais do Centro Espirita “18 de ABRIL”.

Que este Caderno seja, de alguma forma forma, útil aos estudiosos do Espiritismo, como simples forma à divulgação popular desta consoladora doutrina, é o que sinceramente deseja a DIRETORIA DO CENTRO ESPIRITA “18 DE ABRIL”.

Rio de Janeiro, dezembro de 1950

NOÇÕES DE HISTÓRIA DA FILOSOFIA

(Resumo da 1ª parte dos estudos doutrinários de 1949)

DEFINIÇÃO – Antes de tratarmos da História da Filosofia, devemos saber o que é Filosofia, para podermos compreender melhor o aspecto filosófico do Espiritismo. Que é Filosofia? Eis a pergunta que se faz, naturalmente, quando se iniciam estudos desta natureza. Tendo o Espiritismo, como se sabe, uma parte filosófica, é natural que procuremos ter, como base de conhecimentos gerais, pelo menos alguma noção do assunto. Filosofia – diz se – é a Ciência dos *porquês*, justamente porque trata do porquê das coisas, isto é, explica a origem, a causa das coisas. Isto, porém, é a Filosofia no sentido clássico. Modernamente, com o desenvolvimento das pesquisas científicas, a Filosofia é a atividade que consiste na coordenação dos fatos da Ciência, para que se encontre uma causa geral. É a Filosofia aplicada à Ciência. Filosofia é também concepção da vida e do universo. No sentido amplo, porém, Filosofia quer dizer: explicação das causas, do porquê das coisas. Daí chamar-se “*a Ciência das primeiras e últimas causas*” segundo uma definição clássica. Resumo do assunto: a Ciência

examina a coisa, como ela é, de que se compõe, etc.; a Filosofia diz porque a coisa existe, qual a sua causa. Como se vê, a Ciência trata do conhecido, a Filosofia trata do desconhecido. Estas noções, como todas as outras deste estudo, são muito primárias, e por isso não passam de simples embocadura do assunto. Temos, portanto, no Espiritismo, também uma parte filosófica, porque:

- a) – A parte científica trata do fenômeno, suas características, a lei que o rege, o mecanismo do fenômeno;
- b) – A parte filosófica explica a origem do fenômeno, isto é, porque existe espírito, sua natureza, e para que fim se dá o fenômeno. Temos aí, bem definidos, dois campos no Espiritismo: o **científico** e o **filosófico**.

FILOSOFIA e CIÊNCIA – O Espiritismo tem uma parte científica e outra filosófica, como já vimos. (Oportunamente trataremos da parte moral, ou religiosa, baseada no Evangelho). Há distinção entre Ciência e Filosofia. A *Ciência trata do concreto*, a *Filosofia trata do abstrato*. A palavra Filosofia quer dizer amor à sabedoria. Diz a tradição que foi Pitágoras, sábio da antiguidade, quem propôs o uso da palavra *filósofo* para substituir o qualificativo de *sábio*, usado entre os antigos.

Realmente filósofo (amigo do saber ou da Ciência) é o que procura a verdade, a razão de ser das coisas, a causa primária do universo e da vida, de acordo com a formação da palavra (*Philos*–amigo e *Sophia*–sabedoria, Ciência), ao passo que o qualificativo de sábio parece arrogante, porque dá idéia de saber tudo, não ignorar coisa alguma. Naturalmente Pitágoras achou a designação de filósofo mais modesta do que a de sábio.

O papel da Ciência, que não é moral nem imoral, não é religioso nem ateu, é examinar, experimentar, comparar, estudar os fenômenos e as suas leis para dizer, no fim de tudo, se uma coisa *é* ou *não é*; o papel da Filosofia é dizer porque a coisa existe e para que existe. Exemplo: a Ciência estuda o fenômeno, procura a lei do fenômeno, diz qual o agente do fenômeno (espírito, por exemplo) e conclui a sua tarefa, afirmando ou negando; a Filosofia trata da causa que produz a lei, vai buscar a origem do espírito que deu causa ao fenômeno. Temos, pois, no conhecimento humano, três departamentos:

- a) **A Ciência**, que se preocupa com os fatos para verificar se é verdadeiro ou falso aquilo que se afirma.
- b) **A Filosofia**, que se preocupa com a origem de tudo o que existe, a causa inteligente que produz o espírito, etc.
- c) **A Moral**, que se preocupa com a aplicação, o fim útil que devem ter as coisas.

Estes departamentos correspondem à seguinte escala: **Ver** (Ciência); **Raciocinar** (filosofia); **praticar** (moral). Em suma, para terminar esta parte: A Ciência diz *É* ou *não É*; a Filosofia diz *PORQUE*; a moral diz *COMO* devemos proceder em face do que aprendemos, qual o uso que devemos fazer do conhecimento.

DIVISÃO DA FILOSOFIA – Divide-se a Filosofia em quatro partes: **Psicologia** (Ciência da alma) que estuda os fatos de nossa consciência, nossas emoções, nossas reações, etc.; **Lógica** (Ciência do raciocínio) que regula nossa maneira de pensar, estuda as leis do pensamento; **Ética** (para alguns, moral) que trata dos costumes, do procedimento humano em face do conhecimento; **Metafísica** (para além do mundo físico, acima da física) estudo geral do Ser, da essência das coisas, da parte invisível dos objetos, da origem do Universo.

Enquanto a Psicologia quer saber *SE* pensamos, se, de fato, existe em nós o pensamento, a Lógica procura saber *COMO* pensamos. A Lógica é indispensável ao estudo da Filosofia. Existe, é verdade, a lógica natural, a chamada lógica do bom senso. Mas a Lógica é uma Ciência, tem as suas leis, seu método para chegar à verdade. A Psicologia refere-se à existência do pensamento, a Lógica refere-se à legitimidade do pensamento. Não basta pensar, é necessário pensar com acerto. Pensamento legítimo, logicamente falando é aquele que não é incoerente ou contraditório. A Lógica trata, portanto do raciocínio. Qualquer indivíduo, por exemplo, pode defender um ponto de vista contrário ao nosso, mas pode acontecer que o raciocínio seja lógico. Há ocasiões, porém, em que o indivíduo pensa, defende suas idéias, mas não tem lógica. Ilustramos este ponto com dois tipos de raciocínios:

1º tipo Deus não existe, porque nunca o vi.

CRÍTICA – Este raciocínio é o que se chama simplista, porque pretende resolver uma questão de transcendental importância com um argumento muito simples.

2º tipo Há muita coisa que nunca vi, não sei como é, no entanto existe. Logo, não nego a existência de Deus embora nunca o tenha visto.

CRÍTICA – Este raciocínio é mais lógico do que o outro. Por analogia, não nega a existência de Deus, uma vez que há muita coisa que se não vê, mas existe.

A outra parte da Filosofia é a Moral. Compete a Moral ditar as normas do procedimento humano. Chama-se também ética.

De fato, a Filosofia não nos leva somente à especulação, mas à prática, isto é, a aplicação daquilo que aprendemos para um fim: o bem. A ética, portanto, refere-se aos costumes. Depois da moral, vem, finalmente, a Metafísica. Que quer dizer Metafísica? Aquilo que está além ou acima da física. A Ciência, como já vimos, trata do que é concreto, tangível, palpável, visível; a Metafísica trata da essência das coisas, daquilo que se não vê, que se não pode medir. No tempo de Aristóteles (Grécia antiga) a Metafísica era o que se chamava *Filosofia* primeira. Vamos dar um exemplo, a fim de que fique bem compreendido o que é que se entende por Metafísica. Temos uma fruta na mão, suponhamos. Nesta fruta, considerada sob o ponto de vista puramente físico, o que é real, verdadeiro para nós é somente o que se vê, cheira, apalpa, etc.: cascas, caroço, suco e outros elementos. Mas a fruta existe, porque existe a árvore; a árvore, por sua vez, existe, porque lhe deram elemento de vida. Até aí temos apenas a parte física. E de onde vem a vida da árvore? Da natureza, de um plano da criação universal? Estas indagações não pertencem mais à ciência positiva, mas à Metafísica. Com este exemplo vulgar, pretendemos apenas dar uma idéia muito simples do que é Metafísica, a parte

mais transcendental, mas sutil da Filosofia. A Filosofia, em suma, dá-nos a idéia da unidade do conhecimento. Algumas escolas filosóficas negaram a Metafísica. O positivismo, por exemplo, desprezou completamente qualquer indagação no campo metafísico. Daí o nome de positivismo, porque se preocupa exclusivamente com o que é positivo, concreto, com o que está ao alcance dos sentidos humanos. Na opinião de Augusto Comte, o fundador do positivismo, a humanidade caminharia na seguinte ordem, de acordo com o que ele denominou a “Lei dos três estados”:

1º Estado Teológico

No estado teológico (período primário) a humanidade crê em Deus, adora ídolos, tem superstições, etc. É o período da religião.

2º Estado Metafísico

O estado metafísico (período intermediário) a humanidade começa a indagar, analisar para saber. É o período, como se vê, da Filosofia.

3º Estado Positivo

O estado positivo (período superior) é, segundo Comte, o estado em que a humanidade abandona a religião, porque não precisa mais da crença, deixa a pura especulação e entra no terreno positivo. É o período, finalmente, da Ciência.

Temos aí a “lei dos três estados”, segundo Augusto Comte. Por entender assim, o positivismo despreza a Metafísica, isto é, coloca o assunto nos seguintes termos: a inteligência humana é incapaz de chegar a conclusão verdadeira acerca de Deus, da origem do universo, etc. Logo devemos deixar de lado tais questões, que são abstratas, inexplicáveis. O positivismo entende que devemos buscar solução de todos os problemas na Ciência positiva e nunca nas abstrações da Metafísica. As escolas filiadas ao materialismo, fenomenismo, positivismo, evolucionismo, etc. negam valor a Metafísica. Temos, até aqui, algumas noções muito rápidas do que vem a ser Filosofia. Passemos agora à História da Filosofia em linhas gerais.

Noções primárias da História da Filosofia – O berço da Filosofia, como da religião, segundo o que ensinam os autores mais acatados é a Ásia. Justamente por este motivo a História da Filosofia começa pela *Filosofia oriental*. Entende-se por Filosofia oriental as idéias filosóficas dos países asiáticos (Índia, China, Pérsia) onde realmente despontaram tais idéias. A História da Filosofia dividi-se em quatro períodos:

I – FILOSOFIA ORIENTAL (Antes de Jesus Cristo)

Bramanismo – Budismo - Lao Tse - Confúcio.

II – FILOSOFIA GREGA (Do séc. VII AC ao VI séc. DC)

Pré-socrática - Socrática - Pós-socrática.

III – FILOSOFIA MEDIEVAL (Do séc. IX ao séc. XVII)

Escolástica - Formação, apogeu e decadência

IV – FILOSOFIA MODERNA (Séc. XVII ao séc. XIX)

Racionalismo - Experimentalismo.

V – FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA (Séc. XIX ao séc. atual)

Pragmatismo - Intuicionismo, etc.

Há um período intermediário entre a Filosofia Grega e Medieval ou da idade média: *Filosofia Patrística*, assim chamada por ter sido a Filosofia dos padres.

Sistematização da Filosofia – Convém notar, desde já, o seguinte: do Oriente veio a Filosofia pura e não a Filosofia sistematizada. Sistematizar quer dizer organizar dividir os assuntos, formar plano de conjunto. Foi isto, precisamente, o que se começou a fazer na Grécia, depois de Sócrates. No Oriente, por exemplo algumas doutrinas filosóficas se confundia, com algumas com as idéias religiosas. Finalmente, a Filosofia Oriental confundiu-se muito com a religião. Há quem diga que não é fácil distinguir, no Oriente, os místicos e os filósofos. É verdade que a Filosofia de Lao Tse não era mística. Mas, no conjunto, os filósofos Orientais parecem muito mais religiosos do que propriamente filósofos, na opinião de alguns críticos e historiadores. Passemos adiante. De qualquer forma, as idéias filosóficas vieram do Oriente. Os Gregos tiveram, desde o começo, muita preocupação científica. O materialismo e naturalismo, por exemplo, nasceram na Grécia. Enquanto os orientais olhavam muito para cima, isto é, cultivavam a Filosofia pura, abstrata, contemplativa, os gregos procuravam compreender o mundo físico, os fenômenos da natureza sua causa, etc. São da Grécia os três primeiros filósofos clássicos: Sócrates, Platão e Aristóteles. Estes nomes representam três pilastras de cultura humana tão grande, tão marcante foi a influência de Sócrates na Grécia, que a *Filosofia Grega* ficou dividida em três fases: antes de Sócrates (pre-socrática), durante Sócrates (socrática), e depois de Sócrates (pós-socrática). Duas idéias fundamentais do Espiritismo foram aceitas no período, aliás brilhante, da Filosofia Grega: a imortalidade da alma e a reencarnação. (veja-se a introdução de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec). SOCRATES – diz Kardec – foi um precursor do Espiritismo, da idéia imortalista, oposta ao materialismo.

As primeiras manifestações do materialismo, na Grécia, estão na teoria de Demócrito. É a teoria atomística, que considera a alma simplesmente um conjunto de átomos. Houve outras teorias do fundo materialista, ainda na Filosofia Grega. Tratemos, porém, da sistematização. A princípio a Filosofia confundia-se com a Ciência. Os gregos dividiram os dois campos: A Ciência trata dos fatos concretos, da natureza, do mundo sensível, a Filosofia cuida do mundo metafísico, do que é abstrato, em suma. A Ciência estuda o conhecido, a Filosofia estuda o desconhecido. Começou, portanto, com os gregos a sistematização dos conhecimentos humanos. Antes de Sócrates, os primitivos filósofos gregos, devendo-se destacar Tales de Mileto, voltaram-se muito para a Natureza. Surgiu assim, a escola naturalista. Nota-se que esses filósofos, apesar de serem considerados sábios para a sua época, tiveram algumas concepções absurdas senão infantis para nossa época. Basta dizer que, na Grécia, a água e o fogo chegaram a ser considerados elementos causadores da vida! Era na água – pensavam eles – que estavam a origem do mundo!

O ponto mais luminoso, mais alto da Filosofia Grega é o que começa com Sócrates. Há, porém, diferenças importantes entre os três filósofos clássicos: A Filosofia de Sócrates foi essencialmente moral; a Filosofia de Platão foi mais idealista, preocupou-se mais com a idéia pura; A Filosofia de Aristóteles foi naturalista. Aristóteles faz a primeira classificação das Ciências, classificação adequada à época, e por isso foi substituída, mais tarde, por outras classificações mais desenvolvidas. Apesar de ser um gênio, Aristóteles não ficou e nem podia ficar imune de críticas posteriores. Rejeitou-se, com o tempo, muita coisa do grande filósofo grego. Mas Aristóteles é precursor da Ciência. A Filosofia Aristotélica predominou, durante séculos, na Filosofia Escolástica. Os doutores da igreja, na idade média, adaptaram a Filosofia de Aristóteles (pagão) à teologia católica. Nada se fazia a não ser dentro do padrão escolástico. Aristóteles passou a ser, para os escolásticos, uma espécie de tabu, porque fora de Aristóteles tudo era perigoso, duvidoso... Mais tarde veio a reação. Surgiu a Filosofia moderna, com Descartes e Bacon, propondo outros processos de raciocínio e observação. Tomas de Aquino, um dos maiores vultos da Filosofia medieval, o *doutor angélico*, segundo a igreja, formou a sua *Suma Teológica* baseada na Filosofia de Aristóteles e na teologia católica. Mas o prestígio da Escolástica (Filosofia da Idade Média) entrou em decadência, depois de algum tempo. Aristóteles, o fundador da Lógica, criou a famosa Escola peripatética, assim denominada porque o filósofo ensinava caminhando no jardim perante os discípulos. Sem dúvida alguma, Aristóteles é uma das glórias da humanidade.

Registra-se ainda na *Filosofia Grega* a escola dos sofistas. Eram indivíduos que zombavam de tudo, não investigavam, mas pretendiam destruir, por hábeis processos de raciocínio, tudo quanto os outros haviam organizado no domínio da Filosofia. Terminemos aqui, por não estamos fazendo um curso de História da Filosofia, mas comentando alguns pontos da História das doutrinas filosóficas como introdução indispensável à parte filosófica do Espiritismo.

Não podemos esquecer que os conhecimentos básicos ou fundamentais vieram de Aristóteles: a biologia, a psicologia, a lógica, a história natural. Passemos, porém, à Idade Média.

Filosofia Medieval – Como já vimos no esquema, a Idade Média é o período que vai do século IX ao séc. XVII. Depois do apogeu da Idade Média, veio o movimento chamado Renascença, cuja influência se fez sentir principalmente nas artes,

na literatura e até na ciência. A Filosofia da Idade Média chamava-se *Escolástica* porque era ensinada nas escolas medievais. Uma das maiores figuras da Escolástica foi Tomas de Aquino, doutor da igreja. A Escolástica teve três períodos: formação, apogeu e decadência. Durante a *Escolástica*, a Filosofia tomista (assim chamada por ser a Filosofia de Tomas de Aquino) teve grande influência na vida intelectual do mundo. O *tomismo* formou uma síntese dos conhecimentos humanos na seguinte maneira: aproveitou, como já vimos a ciência organizada na Grécia e adaptou o pensamento de Aristóteles à *Suma Teológica*, obra destinada a interpretar o pensamento da igreja em face da Ciência e da teologia, isto é, a Igreja perante o temporal e o espiritual. Mas no seio da *Escolástica*, entre os próprios doutores da Igreja, houve muita divergência. Formaram-se duas grandes correntes: *tomistas* e *anti-tomistas*. Inegavelmente os três maiores vultos da igreja, nesse período, são Tomas de Aquino, Agostinho e Alberto Magno. Entre Tomas de Aquino e Agostinho há concepções diferentes. A Filosofia agostiniana é mais platônica, isto é, pende mais para as idéias de Platão, enquanto a de Tomas de Aquino é aristotélica, apoia-se na ciência de Aristóteles. (Quando estudamos a *Filosofia Grega*, verificamos que Aristóteles divergiu de Platão em determinados pontos). A escola franciscana, no período da Escolástica, preferiu seguir a orientação de Agostinho, tendo rejeitado a escola tomista. A discussão entre as duas velhas correntes filosóficas da Igreja não feriu as bases da fé, porque se restringiu, como até hoje, a sutilezas filosóficas. Ainda hoje a divergência entre tomistas e agostinianos é assunto debatido apenas entre as elites da Igreja, nas discussões teológicas. Os simples crentes, os homens de fé, é claro, não entram nestes pontos de pura indagação filosófica, aliás sem conseqüências práticas na fé.

Depois de muito esplendor, a *Escolástica* (Filosofia da Idade Média) começou a entrar em decadência. Diversas causas concorreram para o desprestígio da *Escolástica*: a Renascença, a Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero, a nova concepção da autoridade dos Reis, cujos poderes deixaram de ser considerados de origem divina. Finalmente depois da Idade Média, período em que predominou o pensamento de Aristóteles, interpretado segundo a filosofia *Escolástica*, veio o que se chama Filosofia Moderna e, com esta, grande revolução na ciência e na filosofia. *Filosofia Moderna* – Chama-se moderna a filosofia do século XVII ao séc. XIX. A Filosofia Moderna tomou duas direções definidas: o *racionalismo* e o *experimentalismo*. Os dois homens que personificaram a Filosofia Moderna são: René Descartes (Francês) e Francis Bacon (Inglês). Deve-se a Descartes e Bacon um dos períodos mais fecundos e mais brilhantes do pensamento humano. Pode-se dizer que a *Filosofia Moderna* foi um movimento de reação à Escolástica: foi, para melhor dizer, uma imposição da própria evolução da idéias. Ao chegar ao século XVII, a humanidade estava saturada dos ensinamentos escolásticos, queria idéias novas, métodos novos, inteligências mais ativas desejavam a renovação. Compreendemos muito bem este fenômeno à luz da doutrina: A renovação das idéias é uma característica da evolução. Vamos resumir o mais possível as linhas gerais deste grande período. Houve duas correntes na Filosofia Moderna: o *racionalismo* ou *cartesianismo*, com Descartes; o *empirismo* ou *experimentalismo*, com Bacon.

O sistema de Descartes chama-se racionalismo, porque é baseado na supremacia da razão; o sistema de Bacon chama-se empirismo porque é baseado na experiência. (A palavra empirismo significava, naquele tempo, experimentar, submeter o objeto às provas práticas; hoje, porém, diz-se empirismo quando se quer dizer que isto

ou aquilo é feito sem os métodos científicos: medicina empírica, isto é, medicina dos curiosos, os que não são formados, etc.). Vamos resumir o assunto: Descartes, o espírito matemático, criou o método racional, isto é, o método que tem por base a razão para aceitar a verdade; Bacon criou o método experimental, o método pelo qual tudo deve ser submetido à experiência para que se possa aceitar a verdade.

Embora seja diferente os dois métodos – o de Descartes e o de Bacon – porque um apela para o primado da razão e o outro apela para o primado da experiência, o que é verdade é que esses dois grandes homens abriram o caminho da investigação científica. Antes deles, aceitava-se muita coisa pela fé; depois deles, como que se emancipou o espírito humano, porque a razão e a experiência passaram a decidir no conhecimento. Francis Bacon é, perante a História, o precursor do método experimental. Aliás, ainda na idade média, outro Bacon tentou introduzir o método experimental na Ciência, mas não pôde realizar os seus planos. Foi o Frade Rogério Bacon.

Tinham razão os dois: Francis Bacon e René Descartes. Não se pode chegar à verdade sem os dois grandes instrumentos: a razão e a experiência. Mas nem um dos dois, por si só é capaz de nos trazer toda a verdade. Já fizemos, neste centro, uma série de estudos comparativos, justamente para que pudéssemos mostrar a posição do espiritismo entre as doutrinas e métodos filosóficos. Lembram-se bem os confrades da exposição relativa a Filosofia Moderna. Dissemos, naquela ocasião, porque o estudo era comparativo, que a Doutrina Espírita concilia muito bem as duas correntes da Filosofia Moderna, uma vez que reconhece o valor tanto da experiência como da razão. Descartes e Bacon prestaram grande serviço à inteligência. Descartes exaltou a razão contra a supremacia da fé; Bacon também recusou o predomínio da fé, mas o fez com base no método experimental. O fim era o mesmo: negar autoridade à fé para dirigir o conhecimento humano.

Durante o período em que se desenvolveu a *Filosofia Moderna*, surgiram muitas escolas filosóficas. Não nos é possível tratar, aqui, de todas elas, porque se o fizéssemos, ainda que em linhas gerais, sairíamos do fio destes estudos. Assim, pois, simplesmente a título de informação histórica, vamos indicar as principais correntes filosóficas desse período, um dos mais notáveis da História da Filosofia. De passagem, apontamos as seguintes escolas filosóficas posteriores a Descartes e Bacon:

Idealismo – Os partidários do *idealismo*, embora exaltem muito a idéia, distanciaram-se do idealismo puro de Platão. Os *idealistas* consideraram a matéria uma representação da idéia. Esta escola filosófica tanto serviu para reforçar certos princípios espiritualistas como para fortalecer a opinião de alguns partidários do materialismo metafísico. Ponto fundamental: a realidade não é matéria, mas a idéia.

Sensualismo – A escola sensualista caiu no materialismo, porque afirmou o seguinte: o conhecimento vem dos sentidos, nada se pode conhecer sem a sensação. Consequência: fora daquilo que fere os sentidos humano, tudo é incerto, hipotético. Que é isto, senão materialismo?

Críticismo – Em oposição à escola sensualista, Emanuel Kant, filósofo alemão, lançou a *Crítica da Razão Pura*, formando o sistema que tomou o nome de *Críticismo*: “Crítica da Razão Pura” e “Crítica da Razão Prática”, sobre a Filosofia e a

Moral. Tema central do *Criticismo*: Nem todo conhecimento vem dos sentidos materiais, porque existe a razão pura, independente dos sentidos humanos.

Fenomenismo – Os fenomenistas afirmam que tudo se explica pela sucessão de fenômenos no universo. Conclusão: não precisamos apelar para a crença em Deus, porque todo o mecanismo universal depende da sucessão de fenômenos sem qualquer inteligência criadora.

Evolucionismo – Esta escola é quase contemporânea da Codificação de Kardec. Spencer desligou-se em parte, do Positivismo e fundou a escola evolucionista. Característica da escola spenceriana: embora afirme a evolução do mundo material, considera impossível à inteligência humana compreender o desconhecido. Para Spencer o desconhecido é o absoluto ou o incognoscível. Devemos deixar de lado o absoluto, porque nos é impossível compreendê-lo.

Panteísmo – Como o seu nome esta indicando (*pan* - tudo e *theo* - Deus) *Panteísmo* é a doutrina que admite a presença de Deus em tudo. O *Panteísmo* é muito antigo; seu chefe, nos tempos modernos, foi Spinoza. Segundo o Panteísmo, existe a alma universal e não a alma individual como afirma o Espiritismo. Esta doutrina anula a responsabilidade do espírito após a morte, porque a alma volta para o todo, isto é, a alma universal. O Espiritismo não aceita a tese panteísta. (Ver “O Livro dos Espíritos” cap. I, 1ª parte, nº 14).

Convém notar que a Filosofia Moderna, no século XVIII, teve participação no grande movimento chamado *Enciclopedismo*, cujo espírito preparou a Revolução Francesa. Houve ainda outras correntes filosóficas, como, o neo-kantismo, o idealismo renovado, o neo-escolasticismo, etc. Tratemos agora do *Positivismo*, doutrina fundada pelo filósofo Augusto Comte, francês desencarnado precisamente no ano em que Allan Kardec publicou “*O Livro dos Espíritos*”: 1857. O Positivismo teve grande influência no Brasil. É interessante observar que, tendo nascido em França e sendo francês o seu fundador, o *Positivismo* teve mais projeção no Brasil que na terra de origem. O *Positivismo* influenciou muito na propaganda e proclamação da República Brasileira. A divisa da Bandeira Nacional - *Ordem e Progresso* - é de origem positivista. Depois de sua obra científica, Augusto Comte fundou uma religião sem Deus e sem alma, isto é, a *Religião da Humanidade*. Sob o ponto de vista humano, puramente humano e não espiritual, esta religião tem pontos de coincidência com o Evangelho. O Positivismo tem a seguinte base, sem aceitar a existência de Deus nem a imortalidade da alma: *o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim*. Tudo isto, sob outro ponto de vista, pode ser aplicado à doutrina cristã. O Evangelho ensina: *amai-vos uns aos outros*. O Positivismo ensina: *viver para outrem*. O Evangelho diz: *sim, sim, não, não!* O positivismo predica: *viver às claras*. Mas o que é verdade é que nós esposamos estes princípios em função da crença na vida futura, na imortalidade da alma e na existência de Deus; o Positivismo prega também estes princípios, mas o faz em função apenas do amor à humanidade, para a vida presente, na terra. Na forma, existe certa aproximação entre o Positivismo e o Evangelho; no fundo, porém, a separação é absoluta, porque um tem por base a vida futura, depois da morte, enquanto o outro se apoia no princípio de que a imortalidade é subjetiva, isto é, consiste apenas na lembrança dos mortos, no

sentimento de respeito. Para, nós, a imortalidade é objetiva, real, porque já está demonstrada.

O Positivismo dividiu-se em dois grupos: o de Littré, que não aceitou a Religião da Humanidade, tendo preferido ficar apenas com a parte científica da obra de Comte, e o de Pierre Lafite, que aceitou integralmente a doutrina positivista. O 1º grupo chamou-se *dissidente*, o 2º grupo é chamado *ortodoxo*, porque defende a aceitação total do pensamento de Comte. Augusto Comte fez a seguinte classificação das Ciências: Matemática – Astronomia – Física – Química – Biologia – Sociologia – Moral.

Desde Aristóteles, os filósofos, pensadores e experimentadores têm procurado classificar as ciências. Houve, por isso, diversas classificações. Mas a que, até hoje, teve mais aceitação foi a de Comte. Para nós, imortalista, a Psicologia é uma das ciências fundamentais, porque é a ciência da alma. Mas é necessário observar o seguinte: Augusto Comte não considerava a *Psicologia* ciência autônoma, porque, sendo ele positivista, não admitia a existência da alma independente do corpo. Vemos aí apenas a *Biologia* (ciência da vida ou dos seres vivos), porque, segundo a classificação de Augusto Comte, a Psicologia está enquadrada na Biologia. Depois de Comte, a Psicologia passou a ser uma ciência como as outras, porque se tornou autônoma. Tratemos, agora, como encerramento desde período de estudos, da Filosofia contemporânea, embora pouco tenhamos a dizer a tal respeito.

Filosofia Contemporânea – Entende-se por *Filosofia Contemporânea* o conjunto das correntes filosóficas formadas entre o século passado e os dias atuais. Parece-nos necessário apenas tratar ligeiramente de duas correntes da *Filosofia Contemporânea*, porque já passaram para a História, enquanto outras, mais novas, ainda estão sendo discutidas ou observadas. As duas principais doutrinas filosóficas deste período são as seguintes: *Pragmatismo*, de William James, nos Estados Unidos, e *Intuicionismo*, de Henri Bergson, na França. A palavra pragmatismo vem de *pragma*, que quer dizer ação. Assim, pois, o Pragmatismo é a Filosofia da ação, a Filosofia prática. Os pragmatistas entendem que devemos procurar, em tudo, o lado útil; aquilo que não tem utilidade não deve ser objeto de cogitação: se, por exemplo, a idéia de Deus é útil, devemos cultivá-la mas pela sua utilidade e não pela simples crença. Mas o conceito de utilidade foi mais exagerado na filosofia pragmatismo. Para muita gente, útil é o que é imediato concreto. Em suma, o Pragmatismo, para determinados indivíduos, passou a ser uma filosofia puramente utilitária, a filosofia do interesse. Todas as escolas filosóficas têm espíritos radicais. O *Intuicionismo* é uma doutrina que afirma a supremacia da intuição sobre a inteligência. Para Bergson (desencarnado há poucos anos) a inteligência não pode compreender as coisas transcendentais. O problema de Deus, por exemplo, escapa às possibilidades da inteligência. É pela intuição, conhecimento superior, que podemos compreender certas questões, como o destino humano, a justiça divina, etc. A inteligência apenas pode compreender o que é finito, limitado, material. A doutrina de Bergson é muito discutida, até mesmo entre filósofos católicos. Para alguns críticos, Bergson não é, a rigor, um filósofo; na opinião de outros, Bergson pode ser considerado um verdadeiro filósofo. Certos teólogos acham que a teologia de Bergson veio demolir a fé; alguns católicos conciliadores entendem, ao contrário, que o criador do *Intuicionismo* não ofendeu a fé. Como se vê, a filosofia bergsoniana ainda está sujeita a muitas opiniões divergentes. Aqui termina a exposição, aliás muito sumária, das escolas filosóficas.

Encerramento – Depois de havermos passado, muito por alto, pela História da Filosofia, de acordo com o programa anual do centro Espírita “18 de Abril”, podemos encerrar esta série de estudo semanais com as seguintes:

CONCLUSÕES

1 – A História da Filosofia prova que a crença na reencarnação já existia nas primeiras manifestações da filosofia, antes do Cristianismo, o que vem reforçar, historicamente, a Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, no século XIX;

2 – O estudo da História da Filosofia é necessária à cultura espírita para que se possa ver a posição do Espiritismo em face das escolas e doutrinas filosóficas;

3 – Não sendo propriamente uma *escola*; no sentido limitado em que se toma esta palavra, o Espiritismo tem elementos para esclarecer pontos obscuros de qualquer escola filosófica, por ser uma doutrina de sentido universalista.

4 – Tendo sido organizada e publicada na segunda metade do século XIX, a Codificação de Allan Kardec surgiu na fase final da influência da Filosofia Moderna, mas não se filia a nenhuma escola filosófica desse período.

5 – A História da Filosofia revela a existência de três tendências bem definidas: o *fideísmo*, que se apoia na fé; o *racionalismo*, que tem por base a razão; o *experimentalismo*, que se firma na ciência experimental.

6 – Em face do que nos mostra a História da Filosofia, o Espiritismo é uma doutrina atual, apesar de organizada no século passado, porque os seus princípios morais e filosóficos, assim como os seus processos científicos, estão em condições de atender às necessidades atuais do espírito humano.

7 – O Espiritismo responde à maior questão da Filosofia: de onde vem, porque vive e para onde vai o homem.

2ª PARTE

PRINCÍPIOS GERAIS DO ESPIRITISMO

(Resumo dos estudos doutrinários relativos ao 1º Ciclo de 1950: janeiro a março)

Fontes básicas:

O Livro dos Espíritos
O Livro dos Médiuns
A Gênese
O Evangelho segundo o Espiritismo

INTRODUÇÃO – No período anterior (1949) estudamos resumidamente a História da Filosofia. Já vimos, assim, como nasceram e se desenvolveram as doutrinas filosóficas. Tendo-se a noção do que é Filosofia, compreende-se melhor a parte filosófica do Espiritismo. Em que consiste a parte filosófica do Espiritismo? Na explicação das causas, do *porque* dos fenômenos e suas conseqüências morais. Quando se tem a idéia geral do que é Filosofia, pode-se interpretar a parte filosófica do Espiritismo.

Assim, pois, a parte filosófica do Espiritismo abrange a questão da causa, da origem do espírito, como a origem do Universo e, finalmente, as conseqüências morais de tais indagações. Toda doutrina tem os seus princípios gerais. Quando se inicia o estudo de uma doutrina, logo se pergunta: quais são os princípios gerais, ou princípios básicos desta doutrina? Então, para estudar o Espiritismo, convém saber, de antemão, quais são os seus princípios fundamentais. Os princípios básicos ou fundamentais caracterizam as doutrinas. O Espiritismo tem os seguintes princípios básicos:

imortalidade da alma;
reencarnação;
existência de Deus.

Pelo enunciado destes princípios, qualquer pessoa que não conheça o Espiritismo, já sabe que está lidando ou vai lidar com uma doutrina *imortalista, reencarnacionista e deísta*. Tem-se aí a idéia geral da doutrina.

Antes, de entrarmos no problema da reencarnação e suas conseqüências, devemos tratar do elemento mais positivo: a alma. Isto significa partir do mais próximo para o mais distante, do conhecido para o desconhecido. É questão de método.

MÉTODO – Todo estudo regular exige método. Metodizar é pôr em ordem, organizar plano de trabalho para chegar a um objetivo. O estudo feito a esmo não é estudo metódico. Nos estudos filosóficos há dois métodos a seguir: *o que parte do todo para as divisões e o que parte de cada divisão para o todo*. Chamam-se estes métodos: sintético e analítico. Isto quer dizer, por outras palavras, o seguinte: ou nós começamos a estudar o conjunto e, depois, estudamos cada uma das partes ou começamos pelas partes, separadamente, para chegarmos ao todo, ao conjunto. Método, portanto, é o caminho que se segue, em qualquer gênero de estudo para chegar a um fim. Há métodos gerais e universais (sintético e analítico) e há métodos particulares, aplicados a determinadas ciências. Qual o método que convém ao Espiritismo, quando estudamos os princípios gerais desta doutrina?

Vejam os que ensina Kardec. Diz ele, no *Livro dos Médiuns* cap. III, que, antes de quisermos fazer alguém *espírita*, devemos fazer esse alguém *espiritualista*. Que significa isso? Que devemos, antes de tudo, demonstrar o princípio da imortalidade da alma, para que, depois, possamos falar melhor acerca das conseqüências da

imortalidade: reencarnação, etc. Se o indivíduo não admite a simples existência da alma, muito menos poderá admitir a reencarnação, que é uma conseqüência da imortalidade. Então, como devemos começar o estudo dos princípios básicos do Espiritismo? Pela alma, que é o primeiro ponto, o alicerce da doutrina. Do problema da alma é que passamos para os outros problemas: reencarnação, justiça divina, comunicação do espíritos, etc. Todas estas questões dependem da primeira questão: Existe a alma?

Não é lógico dizer a um indivíduo que a alma se manifesta aos vivos, que a alma reencarna, que a alma continua a ter responsabilidade depois da morte, etc. quando ele não sabe se existe a alma. Logo, o ponto de partida, pelo método indutivo ou a *posteriori* é a alma, porque só se compreende a lógica da reencarnação, que é a base filosófica da Doutrina Espírita, admitindo a existência da alma. Temos, portanto, o primeiro princípio básico do Espiritismo: a *existência da alma*.

CONCEITO DE ALMA – Antes de falar acerca da sobrevivência ou imortalidade da alma, torna-se indispensável fixar o conceito da alma. Que é alma? Para nós, que acreditamos na vida espiritual, alma é uma coisa; para o panteísta, é outra coisa; para o positivista, o conceito de alma é muito diferente. Precisamos, pois, deixar bem claro qual é o conceito de alma, segundo o Espiritismo. Desde que nos entendamos, inicialmente, sobre este ponto, podemos falar, depois, da imortalidade da alma, sua individualidade, reencarnação, etc. Antes de tudo, porém, precisamos deixar bem claro o que é que nós, espíritas, entendemos por alma. Há palavras de sentido muito amplo, e por isso podem ser empregadas com significados diferentes. A palavra alma, por exemplo, tem muitas aplicações. Para nós, porém, alma é o princípio inteligente e imortal da criatura humana. É indispensável ler a introdução do *Livro dos Espíritos*, porque Allan Kardec, com espírito didático, deixa bem claro o que é *alma* e o que é *princípio vital*, duas noções distintas, que se não confundem. (“Livro do Espíritos” cap. IV parte I e cap. II parte II).

Sabe-se que a palavra alma vem do latim: *anima*. Nem todos, porém, empregam esta palavra no sentido em que nós a empregamos. Para algumas escolas e doutrinas, alma quer dizer simplesmente aquilo que dá vida orgânica aos seres. A função da alma, segundo esta definição, é simplesmente *animar*, dar vida, mas é preciso notar que nem todo ser *animado* tem alma ou espírito inteligente, consciente, responsável. Para nós, alma quer dizer, o princípio que subsiste à decomposição do corpo, e este princípio é inteligente, o que equívale dizer que a alma é responsável, tem consciência.

O princípio vital, que sai do fluido cósmico universal, sim, é comum a todos os seres, e não é individualizado. Mas a alma, o elemento espiritual do homem não se confunde com o princípio vital. Que é princípio vital? O princípio da vida orgânica de todos os seres vivos. O vegetal vive pela ação do princípio vital, mas o princípio vital não é inteligente, não é responsável, não tem sensibilidade moral, porque é apenas parte do fluido universal. A alma, porém, é responsável e, sobretudo, tem duas características pelas quais se distingue do princípio vital: a individualidade e a unidade. Que quer dizer isto? Que a alma do indivíduo é sempre a mesma, no tempo e no espaço (individualidade); que a alma não se fraciona, conserva-se indivisível (unidade). Os conceitos de alma e espírito (sinônimos) estão muito bem esclarecidos, como já foi dito, na Introdução do Livro dos Espíritos. Podemos, agora, passar para o 1º princípio básico do Espiritismo: – *a imortalidade da alma* – uma vez que já nos explicamos sobre o

significado que tem, à luz da Doutrina Espírita, a palavra alma. Estamos partindo, do que se vê, do particular para o geral, do que está mais perto para o que está mais longe, isto é, da alma para as conseqüências da imortalidade da alma. Isto significa, por outras palavras, abrir o caminho para poder entrar no terreno filosófico do Espiritismo. Este método é aconselhado por Allan Kardec (*Gênese* cap. I n.º.14 e *Livro do Médiuns* cap. n.º. I) Isto vem a ser em Filosofia, raciocinar por indução, porque o método indutivo é o que começa pelas partes para chegar ao conjunto. O Espiritismo é um conjunto, e estamos começando justamente pelas partes.

IMORTALIDADE DA ALMA – Temos inicialmente três questões:

- a) – Saber o que é alma.
- b) – Saber se a alma é imortal, isto é, se continua a viver depois da morte do corpo.
- c) – Saber quais as conseqüências da imortalidade da alma no problema religioso, na concepção do mundo, na vida particular do indivíduo.

Quanto à 1ª questão, nada temos a acrescentar, porque já tornamos claro, com base no Livro dos Espíritos, o que é alma, para nós espíritas. Passemos, pois, à segunda questão: *o Espiritismo é uma doutrina imortalista*, porque AFIRMA a imortalidade da alma:

- a) – Princípio da vida orgânica (Materialismo)
- b) – Parte da alma universal (Panteísmo)
- c) – Elemento independente do corpo (Espiritualismo)

(Convém notar, a propósito, a diferença entre *Espiritualismo* e *Espiritismo*, na introdução do Livro dos Espíritos).

São as seguintes as características da alma:

- a) – individualidade (a alma de um indivíduo é sempre a mesma, e não, outra alma)
- b) – indivisibilidade (a alma não se divide)
- c) – independência (a alma não se modifica nem desaparece com as transformações da matéria)

Temos aí o 1º ponto: existência da alma. Todas as doutrinas espiritualistas afirmam este princípio. Mas nem todas vão além da existência da alma. A diferença entre o *Espiritismo*, que é uma doutrina espiritualista por natureza, e as doutrinas espiritualistas, está neste ponto: outras doutrinas, embora espiritualistas, porque aceitam a existência da alma, não aceitam a comunicação dos espíritos nem admitem a reencarnação. O Espiritismo vai além de tais doutrinas justamente porque afirma a comunicação dos espíritos e a reencarnação.

Do 1º ponto (existência da alma) teremos de passar para o 2º.: imortalidade da alma. Mas esta parte será estudada no 2º ciclo de estudos, quando tivermos de tratar da fenomenologia espírita. Os fenômenos espíritas provam experimentalmente a

imortalidade da alma. Isto não impede, porém, que dediquemos algum tempo aos atributos da alma. A alma humana tem atributos próprios. Que quer dizer atributos? Aquilo que é inerente, isto é, que pertence intimamente à natureza de um ser. Quais são os atributos da alma? Inteligência, livre-arbítrio, unidade.

Referências: Evangelho segundo o Espiritismo, cap. I n.º. 5; Livro dos Espíritos cap. I - 2ª parte, n.º. 77; Gênese cap. IX n.º. 1.

Se a alma tem estes atributos, sendo o primeiro deles a inteligência, é claro que ela não se formou por si mesma: tem origem em alguma coisa. Nenhuma coisa tem origem em si mesma. A inteligência e o livre-arbítrio para seguir o caminho do bem ou do mal, por exemplo, são atributos que não podem ser comuns a todos os seres. Logo, a alma, por seus atributos, distingue-se do princípio vital. A alma não tirou tais atributos de si mesmo. Há, portanto, uma fonte inteligente. A fonte esta fora da alma: Deus.

Quanto à origem da alma, há diversas correntes. Vejamos apenas três:

- 1ª . *Geracionismo* – a alma é gerada com o embrião do corpo. A alma e o corpo nascem na mesma ocasião.
- 2ª . *Criacionismo* – a alma foi criada por Deus e introduzida no corpo, no estado embrionário. (Esta doutrina é quase idêntica à 1ª .).
- 3ª . *Preexistência* – a alma é anterior ao corpo. Platão aceitou a doutrina pré-existencialista. Os essênios também admitiram a existência da alma antes do corpo. (Ver, a respeito dos essênios, a Introdução do Evangelho segundo o Espiritismo).

O Espiritismo, como se vê, despreza as outras teorias e esposa a doutrina da preexistência da alma. Se a alma fosse gerada com o corpo, como querem os geracionistas, onde cairia a responsabilidade após a morte. Ora, um dos pontos fundamentais da parte filosófica do Espiritismo é justamente a continuação da responsabilidade da alma (espírito) após a morte. O Espiritismo afirma, portanto, a preexistência da alma, isto é, a tese de que a alma é *anterior ao corpo*. Como explicar as conseqüências deste princípio? Pela reencarnação.

Temos aí o 3º princípio básico do Espiritismo, a reencarnação. (Cabe aqui uma informação: a palavra ESPIRITISMO foi criada por Allan Kardec, e quem o diz é ele próprio, segundo “Obras Póstumas” parte final; há espíritas na Inglaterra, Estados Unidos, etc., que não aceitam a reencarnação; a Codificação de Kardec, porém, sustenta a tese da reencarnação).

A teoria da preexistência não pode ser compreendida sem a reencarnação.

Convém, pois, consultar os seguintes pontos da doutrina: Livro dos Espíritos cap. VI n.º. 392; cap. VI n.º. 303 e cap. VII. Deve-se confrontar, por exemplo, o cap. II, parte II do Livro dos Espíritos com cap. XI n.º. 2 e n.º. 6 da Gênese de Allan Kardec e o cap. V n.º. 6 e seguintes de “O Evangelho segundo o Espiritismo”. A tese reencarnacionista ou palingenésica explica a existência de conhecimentos inatos sem destruir, contudo, um dos pontos pacíficos do Espiritismo: o esquecimento do passado, em virtude da influência da matéria sobre o espírito. A reencarnação ou doutrina das vidas sucessivas tem, também, os nomes de *palingenesia* e *palingênese*, segundo as preferências de alguns autores, inclusive Gustavo Geley. Mas a doutrina palingenésica não é outra coisa senão a reencarnação, uma vez que a palavra é formada de palin (de novo, novamente) e gênese (nascimento, origem), de acordo com a sua etimologia.

Aceitou-se, na antigüidade, a reencarnação, também, com o nome de metempsicose, mas a metempsicose não se harmoniza com o Espiritismo. (Livro dos Espíritos parte II cap. X).

Os partidários da metempsicose admitiam a reencarnação do espírito em corpo de animal, como castigo, segundo o grau de inferioridade. O Espiritismo veio demonstrar que a reencarnação não pode ser aceita sob tal aspecto, porque isto seria a negação de um princípio lógico: a tendência do espírito é evoluir, e não retroceder. Além de tudo, a natureza animal não é idêntica à natureza humana, em determinados sentidos, e por isso o espírito de uma criatura humana jamais poderia voltar à terra em corpo de animal. A reencarnação é um processo de aperfeiçoamento, porque em cada existência ou nova encarnação tem o espírito mais uma oportunidade para melhorar o seu estado moral e adquirir mais conhecimento.

Torna-se necessário senão indispensável distinguir a reencarnação da ressurreição. O Espiritismo não admite a ressurreição da carne, no mesmo corpo, porque tal suposição é anti-científica, mas a doutrina aceita, sim, a reencarnação do espírito, isto é, a volta do espírito à terra, em novos corpos. Daí a doutrina da preexistência, já citada anteriormente. (Ver O Evangelho segundo o Espiritismo).

Podemos concluir que a doutrina reencarnacionista, base filosófica da Codificação de Allan Kardec, tem conseqüência tanto na vida individual como na vida coletiva, o que quer dizer, portanto, no indivíduo e no grupo.

A reencarnação, no campo individual, tem as seguintes conseqüências :

- a) – aperfeiçoamento moral;
- b) – progressividade do espírito;
- c) – compreensão da justiça divina segundo a lei de causa e efeito, o que faz desaparecer, em primeiro lugar, o medo de Deus e, em segundo lugar, a idéia de azar, má sorte, castigo de Deus.
- d) – fortalecimento da crença em Deus, porque a principal conseqüência da reencarnação é destruir o ateísmo.

A reencarnação, no campo social, tem, principalmente, as seguintes conseqüências:

- a) – explicação das desigualdades sociais;
- b) – destruição do preconceito de cor ou de raça, porque não é possível conciliar a doutrina reencarnacionista com tal preconceito;
- c) – desenvolvimento do espírito de fraternidade humana, uma vez que, não havendo preconceito de cor, a teoria reencarnacionista predispõe as criaturas a se amarem como irmãos, segundo a recomendação evangélica: “Amai-vos uns aos outros”.

CONCLUSÃO – Nosso 1º ciclo de estudos (janeiro a março de 1950) trata apenas, como já foi dito, dos princípios gerais do Espiritismo, para que se possa formar

ideia inicial desta doutrina. Assim, pois, o desdobramento destes pontos ficará para outros ciclos de estudos. Encerramos esta parte com as seguintes proposições:

- I – O Espiritismo é espiritualista, porque a sua doutrina tem por base a existência do espírito;
- II – O Espiritismo é imortalista (decorrência da 1ª proposição) porque afirma a imortalidade do espírito depois da morte;
- III – O Espiritismo é reencarnacionista porque, além de sustentar, como princípio, que o espírito continua a viver depois da *morte*, afirma que o espírito reencarna, isto é, volta à terra, quantas vezes se torne necessário;
- IV – O Espiritismo, finalmente, apoia-se na existência de Deus sem admitir céu, inferno e purgatório, uma vez que a reencarnação destrói logicamente a crença no “pecado original” e nas penas eternas, assim como na vida eternamente angelical, desde que o trabalho é lei universal na vida material como na vida espiritual.

Temos aí os princípios gerais do Espiritismo. Qualquer neófito, portanto, antes de começar a fazer estudos regulares, já pode ter o que se chama visão de conjunto. Foi este, finalmente, o objetivo do 1º ciclo de estudos de 1950. O 2º ciclo compreenderá a fenomenologia espírita.